

OS MARCOS REFERENCIAIS NA ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL DA CIDADE DE CONCÓRDIA (SC)¹.

Jussara Maria Silva²

1. Introdução

Alguns dos dilemas enfrentados referentes à implementação de um Plano Diretor são consequência direta da falta de instrumentos e recursos para a execução e controle das propostas nele contidas. Por outro lado, quando da sua elaboração, a metodologia empregada na fase de diagnóstico não consegue conduzir a que no final do processo se obtenha a melhor relação entre as necessidades e as possibilidades na solução dos conflitos. Pressupõe-se então que a reavaliação da metodologia de elaboração dos planos diretores tenha que necessariamente se iniciar por uma crítica na forma de obtenção dos dados e pela busca da melhor compreensão da expressão dos comportamentos e objetivos coletivos.

O tratamento de questões que envolvem relações humanas depende basicamente de como se interpretam os comportamentos coletivos. Estes, por sua vez, são produtos de trocas e equilíbrio entre o desejável e o possível, relativos a anseios individuais e possibilidades coletivas. Nesta perspectiva, a análise de problemas sociais deve levar em conta, ao mesmo tempo, especificidades do indivíduo e do grupo. A informação é a base da ação. A eficiência de uma linguagem pode ser quantificada pelo grau em que se aproxima da realidade que procura exprimir. A qualidade das informações na caracterização de um determinado sistema em que se pretenda atuar é, assim, dependente da linguagem que é utilizada.

¹ Este artigo compreende de parte da dissertação de mestrado **Os Marcos Referenciais na Estruturação Sócio-espacial da Cidade de Concórdia/SC**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia na UFPR, em 2001, sob a orientação da Prof. Dr. Cícilian Luiza Löwen Sahr.

² Professora Adjunta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tuiuti do Paraná.

O estudo de uma linguagem nova para entender como a cidade é percebida por seus habitantes pode contribuir para a melhoria de vida nas cidades. Isto pode ser obtido como uma nova forma de entender e traduzir a realidade urbana para além das características idealistas apresentadas pelos planos diretores, técnicos e políticos. Entende-se, assim, que a percepção do ambiente (urbano) é muito mais que verbal.

Em uma comunidade existem marcas, objetos e locais específicos que se particularizam por manter um processo relacional circular interativo onde caracterizam os indivíduos e grupos e ao mesmo tempo são por eles caracterizados. Denominados marcos referenciais, estes locais possuem esta propriedade de convergência espaço-temporal que é produzida conforme seja a relação e a percepção da população. Para além do caráter de informação, de localização ou de deslocamento que definem o uso dos marcos referenciais, é possível supor que produzam alguma influência na própria estruturação sócio-espacial da cidade.

O presente artigo procura estabelecer a relação de influências entre os marcos referenciais e a estruturação espacial com base em estudo empírico efetuado na cidade catarinense de Concórdia. Fundamenta-se em uma avaliação subjetiva de percepção, apoiada em conceitos derivados da Semiótica para a identificação dos marcos.

O município de Concórdia, localizado a oeste do estado de Santa Catarina, se acha estruturado sob o complexo agro-industrial. A produção e a industrialização de aves e suínos, além dos produtos derivados do leite são a base econômica do Município. Hoje, com a formação do lago da represa da usina hidrelétrica de Itá (rio Uruguai) o Município busca identificar suas potencialidades paisagísticas com o objetivo de explorar a área turística como alternativa na geração de renda.

1. Semiótica Urbana e Marcos Referenciais

Os marcos referenciais só podem ser definidos como produto de relações. Estas relações apresentam uma grande complexidade quando se procura obter suas variáveis. Embora possuidores de propriedades físicas de forma, extensão, natureza e localização geralmente bem definidas, é o uso que os caracteriza de uma maneira mais precisa.

A Semiótica fornece as ferramentas para a busca do entendimento das propriedades definidoras dessas relações e a percepção da cidade pelo usuário passa a ser o fator fundamental que modela os comportamentos coletivos. Desta forma, se propõe a elaborar uma análise em três momentos, no primeiro a cidade é refletida como uma paisagem de marcos; no

segundo interpreta-se o marco na teoria semiótica e no terceiro inclui-se o tecido urbano neste contexto teórico.

2. A Cidade enquanto paisagem de marcos

As categorias de análise para a compreensão da estrutura espacial urbana sofreram rupturas nas décadas de 60 e 70. Desta forma, surgem nesta fase abordagens e técnicas que utilizadas no processo de valorização do espaço urbano aos olhares do usuário, buscam acrescentar valor à experiência do lugar através da imagem mental.

Kevin Lynch preocupou-se com a qualidade visual de três cidades americanas: Boston, Los Angeles e Jersey City. Ele analisou como os traços físicos de suas paisagens eram percebidos pelos usuários. O conceito central de seu trabalho foi a “legibilidade” do ambiente urbano. Para o autor uma cidade só é “legível” se puder ser “imaginável”, ou seja, é necessário que haja clareza física na imagem. Em seu livro *Imagem da Cidade*, Lynch apresenta um método para a descrição da imagem mental a partir da percepção pelos usuários dos elementos da cidade: caminhos, pontos nodais, bairros, limites e marcos. Esta percepção é apreendida através de relatos descritivos e desenho de Mapas mentais esquemáticos. Os marcos, “pontos de referência considerados externos ao observador, são apenas elementos físicos cuja escala pode ser bastante variável”³.

Ainda para Lynch, o uso de marcos na imagem da cidade implica a escolha de elementos dentre um conjunto de possibilidades, a principal característica física é a singularidade, algum aspecto que seja único ou memorável no contexto. A identificação e a escolha dos marcos se torna mais fácil quando estes contrastam com seu plano de fundo e se existir algum destaque em relação a sua localização espacial. Assim, as pessoas podem reconhecer os marcos pela sua limpeza numa cidade suja, ou por serem objetos novos numa cidade antiga.

Espacialmente, os elementos da cidade podem ser definidos como marcos de duas maneiras distintas: na primeira, o elemento é visível a partir de muitos outros lugares, portanto, a localização é crucial; e na segunda, fundamental é a existência de contraste local com os elementos vizinhos, pode ser a variação no recuo e/ou altura. A importância de um marco pode ainda ser reforçada, quando este colabora na decisão dos usuários quanto ao trajeto a seguir. Também aumenta o valor enquanto marco quando o objeto está ligado a uma história, um sinal ou um signifi-

³ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 88.

cado. Os sons e cheiros também podem reforçar os marcos visuais. Segundo Lynch, nas três cidades estudadas, os marcos distantes e os pontos proeminentes visíveis a partir de diversas posições eram quase sempre reconhecidos pelas pessoas, mas poucas usavam intencionalmente para organizar a cidade e escolher seus trajetos. Já os marcos mais locais, visíveis apenas em lugares restritos eram usados com muito mais frequência⁴.

Leonardo Oba, em sua tese de doutoramento, faz um estudo dos marcos referenciais urbanos como produtos social e cultural vinculados ao processo de construção da cidade e de sua identidade no tempo. Para ele, os marcos referenciais urbanos são os monumentos, as construções, os espaços ou conjuntos urbanos com forte conotação de “lugar”, apreendidos por uma grande parcela da população que vê neles uma referência física, cultural, histórica ou psicológica, relevante para a construção do seu espaço existencial. É sobre este conjunto de elementos demarcadores que a totalidade da cidade se referencia e estabelece uma estrutura compreensível e significativa. Os marcos não são apenas visuais e para fins de orientação. Eles são pontos que contribuem para a identificação espacial da sua comunidade, desenvolvendo um sentimento de pertencer ao lugar⁵: “Existem neles significados e intenções que vão além do seu aspecto puramente visual e que devem ser buscados no contexto que os produziu”⁶.

O número de elementos locais que se tornam marcos parece depender tanto da familiaridade do observador com o seu ambiente quanto dos elementos em si. Os marcos podem surgir espontaneamente ou intencionalmente, como também existe uma escala diferenciada, pode ser marco pessoal, de vizinhança, de bairro ou da cidade como um todo (ver Figura 1). Os marcos sofrem as transformações do tempo, estas podem ser físicas, como o acréscimo ou subtração de parte de uma construção ou de significado, como a mudança de uso de uma edificação. Muitos marcos podem não existir mais fisicamente e continuar com o seu valor de marco, o que denomino de “marco mental” (ver Figura 2).

Os marcos influenciam seu entorno imediato induzindo transformações, dinamiza-o ou leva-o a decadência. Quando os marcos, ao longo do tempo, sofrem transformações que induzem a sua valorização, dinamizam o seu entorno. Contrariamente, quando estas modificações

⁴ *Idem*, p. 90.

⁵ OBA, Leonardo Tossiaki. **Os marcos urbanos e a construção da cidade**: a identidade de Curitiba. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em estruturas ambientais urbanas), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, p. 1-3.

⁶ *Idem*, p. 4-6.

proporcionam o seu declínio levam o conjunto urbano onde se inserem a acompanhar a sua decadência.

3. A Interpretação dos Marcos na Teoria Semiótica

O marco é um signo que indica alguma coisa, essa relação de indicação é campo de estudo da Semiótica. Semiótica ou Semiologia é a ciência ou Teoria Geral dos Signos. “O signo não é, pois, um objeto com determinadas propriedades, mas uma relação ou uma função”⁷.

Esta ciência apresenta duas abordagens: a de Saussure e a de Peirce, ambos interessados em estudar as formas de representação que o homem utiliza para se manifestar. Saussure (1857–1913), lingüista suíço, enfatiza o signo verbal em seus estudos. Propõe uma ciência geral dos signos, a Semiologia, onde a lingüística seria um ramo desta nova ciência. Peirce (1839–1914), lógico, físico, matemático e filósofo norte americano, baseia seus estudos na filosofia e na lógica. As suas doutrinas enfatizam a concepção fenomenológica. A semiologia de Saussure e a semiótica de Peirce serão discutidas a seguir.

Saussure pesquisa somente a relação entre uma idéia, que já é uma interpretação, e sua materialização. Ao considerar a língua como o principal dos sistemas sígnicos, trabalha com esta através de sua manifestação oral, ou seja, a fala. Num princípio de binarismo: significado/significante, ele exclui o objeto de referência, que seria algo externo ao sistema considerado. O significante seria, dentro do signo verbal, a sua materialização, a forma que se manifesta concretamente, associado ao plano da expressão. E o significado seria a idéia, o conceito que esta fisicalidade traduz, associado ao plano do conteúdo⁸. Segundo Saussure, citado por Nöth “O signo lingüístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica”⁹.

Peirce rompe com o princípio de binarismo: significado/significante, criando um terceiro elemento, a que deu o nome de interpretante. Este terceiro pólo está sempre presente ao se refazer a relação entre o signo e o objeto. Este é o elemento que desencadeia o processo de relação e que permite fazer entender o sentido que os signos tem para

⁷ EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 6.ed. São Paulo : Ática, 1999, p. 29.

⁸ SILVA, Elvan. **Arquitetura & semiologia**: notas sobre a interpretação lingüística do fenômeno arquitetônico. Porto Alegre : Sulina, 1985, p. 81-82; EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 6.ed. São Paulo : Ática, 1999, p. 21.

⁹ NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo : Annablume, 1996, p. 33.

cada um. O interpretante não se refere ao intérprete do signo, mas a um processo relacional que se cria na mente do interprete.

Um signo ou *representâmen* é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento do representâmen*¹⁰.

Existe uma diferença marcante entre as concepções de Saussure e Peirce. Para o primeiro o processo semiológico é intencional, corresponde aos signos como entidades usadas conscientemente para a finalidade de comunicação. Enquanto para Peirce, o processo semiótico não precisa ser intencional e os signos produzidos não são necessariamente artificiais¹¹. A semiologia de Saussure por ter o seu núcleo no signo verbal e estar apresentada diadicamente, torna-se insuficiente como base teórica para o estudo que se pretende do signo urbano. A associação do pensamento de Peirce com o ambiente urbano é relativamente recente e tem chamado a atenção de cientistas de várias áreas. A ênfase dada ao modelo triádico de Peirce é a não linearidade do objeto de estudo, e também, a presença de um terceiro elemento relacional entre o objeto e o signo que é o interpretante, ou seja, a imagem que se cria na mente do usuário, o intérprete.

4. A Semiótica do ambiente urbano

A cidade é um acúmulo de signos que contextualizam o ambiente, qualificando o espaço e sua conseqüente identificação física, social, cultural e econômica. Estas características de identificação da cidade, seu uso, suas transformações e suas relações podem ser apreendidas pela Semiótica e quando mapeadas e analisadas tornam-se importante instrumento para o planejamento urbano.

Para Ferrara, a semiótica do ambiente urbano procura pesquisar a relação entre três unidades básicas e interdependentes: as características físicas, o uso e as transformações do ambiente urbano¹². As características físicas configuram-se como a realidade sígnica, que informa seu objeto, ou seja, o contexto urbano. O usuário é o elemento que aciona este con-

¹⁰ PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3 ed. São Paulo : Perspectiva, 1999, p. 46.

¹¹ EPSTEIN, op. cit., p. 29.

¹² FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Ver a cidade**. São Paulo : Nobel, 1988, p. 4.

texto, e o uso é a sua fala, sua linguagem. A interação entre o contexto e uso gera as transformações urbanas (ver Figura 3). Nesta ilustração tem-se representado, num primeiro momento as características físicas da cidade (praças, monumentos, edificações, ruas, vegetação), e num segundo, a comunicação do usuário com a cidade através do uso, modificando o espaço urbano.

Dentro do contexto urbano se aglutinam várias linguagens: a da arquitetura, a da urbanização, a do desenho industrial dos equipamentos, a da programação visual, a dos veículos de comunicação em massa, a da publicidade, etc. A interação entre contexto e usos urbanos transforma o ambiente urbano em um espaço de informação. É através das marcas, sinais, índices dispersos e impressos na cidade, que passam a ser os signos de representação do urbano, que pode-se verificar as alterações dos impactos físicos, econômicos, políticos, sociais e culturais.

Os conjuntos de lugares que formam a cidade diferem-se nas suas práticas, no tempo e na forma. Parece importante a compreensão e a identificação da relação entre estrutura física e a sociedade e como se interagem. Assim, através da estrutura física devemos buscar o seu significado e o seu conteúdo, para identificarmos marcas e sinais impressos no ambiente urbano. A maioria das pessoas costuma saber mais sobre seus espaços cotidianos do que é capaz de reconhecer e processar conscientemente. Segundo Ferrara, para ler o ambiente urbano, e este tornar-se legível, é necessário romper com o hábito e surpreender-se diante do local do dia-a-dia¹³. Assim torna-se imprescindível à utilização de um instrumento de comunicação, menos habitual que a palavra, que desperte a atenção para a percepção do espaço habitual do cotidiano.

O que é claro na teoria de Lynch é a tentativa da busca de uma dimensão de análise e atuação com a visão do usuário. Isto é, as formas com que ele vê, sente, compreende, utiliza e se apropria dos espaços da cidade, de sua forma, de seus elementos e de suas atividades sociais.

Nesta linha, Tuan desenvolveu uma teoria sobre o elo afetivo que nos une a um lugar, definido como *topofilia*¹⁴. Este conceito parte de um sentimento de vivência, predeterminado pelas experiências pessoais e culturais, a partir das percepções individuais, atitudes e valores que temos

¹³ *Idem*, p. 21.

¹⁴ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo : Difel, 1980, p. 286.

dos lugares. O autor afirma ainda, que apesar de todos os sentidos atuarem na percepção de um lugar, é o visual que prevalece. O sentimento de *topofilia* pelo lugar é reflexo de experiências positivas, agradáveis, vividas em um determinado tempo. Com valores negativos atribuídos ao lugar surge o conceito de *topofobia*¹⁵, que conduz à noção de “paisagem do medo”, traduzidas em experiências negativas, desagradáveis, que a pessoa vivenciou em relação a um lugar, em determinado tempo. Estes conceitos pressupõem a importância capital da noção de lugar.

Esta abordagem, que envolve a Semiótica, representa uma possibilidade de entendimento de como o uso interfere na qualificação do espaço urbano e o torna um lugar. Por ser um processo que depende da percepção, a análise das relações que envolvem o usuário e os marcos referenciais, embora complexa, pode ser fundamental como fator de entendimento da realidade urbana e do comportamento coletivo.

5. Concórdia: uma paisagem de marcos

Para a caracterização física e histórica da cidade de Concórdia, descrita a seguir, recorreu-se a seus marcos. Os aspectos físicos são apresentados a partir dos marcos naturais. O resgate de sua história é feito a partir de seus marcos referenciais. Os quatorze marcos referenciais considerados foram: Praça Central, Igreja Matriz, Hospital, Indústria Sadia, Rio dos Queimados, Rodoviária, Curtume, Casa do Sr. Attilio Fontana, Vila União, Cemitério, Supermercado Sadia (hoje Caitá), Santuário Nossa Senhora Salete, CAIC e o Morro da Casan.

5.1. Aspectos físicos e marcos naturais

O rio dos Queimados, afluente do rio Uruguai, nasce e atravessa a área urbana de Concórdia, representando um importante marco referencial para a cidade. Apesar disso, ele vem recebendo grande carga de esgoto doméstico e industrial, prejudicando a qualidade de suas águas. A criação de aves e suínos com destino as agroindústrias da região, sobretudo a da Sadia instalada em Concórdia é, entretanto, a principal responsável pela sua poluição. Suas cheias periódicas são uma ameaça constante à cidade que se encrava em seu vale.

¹⁵ RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. In *Geografia* 7(4), Rio Claro, 1979, p. 1-25.

O relevo da região é constituído de um planalto de superfícies montanhosas e onduladas, fortemente dissecadas e de formação basáltica, cujo solo possui alta fertilidade. Situada em relevo forte ondulado e montanhoso, Concórdia apresenta dificuldades e restrições de uso e ocupação do solo urbano¹⁶. Os morros, entretanto, proporcionam uma beleza parcialmente verde aos moradores da cidade e constituem-se em importantes marcos de referência para eles.

A ação (reação) da natureza transformou a paisagem concordien- se em quatro momentos: 1) Em 1965 a enchente do rio Uruguai, uma das maiores já registradas na região, atingiu o município violentamente. 2) Em 1983 a enchente do rio dos Queimados deixou um cenário de destruição em toda a cidade. 3) Em 1992 um vendaval arrasou mais uma vez a cidade. 4) Desde 2000, com fechamento das comportas para a formação do lago da Usina Hidrelétrica de Ita, a cidade vive uma grande transformação no seu panorama sócio-econômico e cultural.

Os marcos naturais da cidade são, sobretudo, o rio dos Queimados e a topografia do sítio urbano. Estes elementos físicos são estruturadores do desenho do tecido urbano. O rio dos Queimados com sua nascente em zona urbana, a montante da área com maior grau de urbanização, sofre vários represamentos feito por aterros, muros de contenção e mesmo construções de edificações, práticas que fazem com que as áreas fiquem alagadas, ocasionando transtornos e despesas a população. Quanto à topografia, por apresentar desníveis altimétricos muito acentuados, aliada aos solos de pouca profundidade dificultam a urbanização das encostas. Nestas encostas de alta declividade ocorrem muitos blocos e matacões, por isso são áreas sujeitas a ocorrência de rolamento de blocos e de movimento rápido de massas, características que devem ser alertadas no processo de urbanização.

5.2. Os marcos referenciais no resgate histórico

A história do Município de Concórdia está diretamente ligada à ocupação do oeste catarinense, devendo assim ser caracterizada dentro deste contexto regional. Logo é importante citar alguns fatores que antecederam a colonização definitiva do oeste catarinense e em especial do município de Concórdia.

¹⁶ SEBRAE/SC; PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ. **Diagnóstico do potencial turístico de Itá**. Itá: 1998, p. 6.

As terras férteis às margens do rio Uruguai e seus afluentes, que eram ricas em pinhais, ervais, faxinais e campos, após a abertura do “caminho das tropas” que de São Paulo, pelos campos de Palmas, levava víveres ao Rio Grande do Sul, passaram a ser ocupadas, dispersamente, por fazendeiros, oriundos, principalmente da região de Guarapuava/PR. Esses fazendeiros marcaram presença, sem controle, até por volta de 1850. Este movimento migratório de ocupação se estendeu até o início do século XX. Trata-se da ocupação cabocla, grupo étnico proveniente da miscigenação indígena com luso-brasileira, cuja principal atividade era a agricultura de subsistência, o corte da erva-mate e o tropeirismo. Embora em maioria na região, os caboclos nunca conseguiram obter a propriedade da terra, ocupando-a como posseiros em áreas particulares ou terras devolutas, de propriedade do Estado¹⁷.

Somente após 1894, quando o governo federal, com a participação dos governos alemão e italiano, resolveu custear as despesas de viagens dos imigrantes europeus, que teve início o processo de colonização induzida, introduzindo novas características na economia e no modo de vida presente até hoje na região Sul do país. A chegada dos colonos italo-germânicos gerou impasse com os caboclos, uma vez que haviam adquirido a terra até então ocupada por estes, que não detinham nenhum registro legal de posse¹⁸.

Na região do Alto Uruguai este processo intensificou-se a partir de 1916, após o acordo de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina, tendo fim, desta forma, a Guerra do Contestado. Este movimento armado (de 1912 a 1915) teve basicamente um fundo econômico – a luta pela posse dos ricos ervais da região e um social – a reação dos caboclos expulsos das terras, devido à concessão das mesmas pelo governo brasileiro a companhias colonizadoras estrangeiras. A *Brazil Railway Company*, por exemplo, pela construção da estrada-de-ferro São Paulo–Rio Grande do Sul, recebeu 15 km de terra em cada margem, uma área rica em madeiras nobres, para serem aproveitadas dentro de um prazo de cinquenta anos. Objetivando colonizar rapidamente as terras recebidas em troca da construção da ferrovia, a companhia passou a expulsar os posseiros em 1911, contrariando a Lei de Terras de 1850 e provocando motins¹⁹. Os posseiros que ali viviam não aceitaram a expulsão das terras e,

¹⁷ FERREIRA, Antenor Geraldo Zanetti. **Concórdia**: o rastro de sua história. Concórdia : Fundação Municipal de Concórdia, 1992, p. 32-34.

¹⁸ *Idem*, p. 42; GOMES, Marli Sueli. **Novo dicionário escolar**. 11.ed. Belo Horizonte : Acervo Cultural, 2000, p. 9-10.

¹⁹ FERREIRA, 1992, p. 31-34

em uma mistura de messianismo, coronelismo e interesses obscuros dos dois estados: Paraná e Santa Catarina começaram uma guerra sangrenta que só terminou em 1915²⁰.

Com o fim da guerra, os estados de Santa Catarina e Paraná fizeram um acordo que dividiu em partes quase iguais o território contestado. Temerosos de novos conflitos, cada um tratou de baixar várias medidas administrativas para ocupar rapidamente sua porção, o governo catarinense tratou de criar municípios na região, objetivando a imediata integração territorial. Após 1917, inicia-se efetivamente o processo de colonização da região do Alto Uruguai, empreendedores passam a atuar na comercialização de terras, e vão encontrar nas colônias velhas do Rio grande do Sul, imigrantes e descendentes de italianos e alemães desejosos de adquirir novas terras²¹.

Esse cenário demonstra que a construção do trecho catarinense da estrada-de-ferro São Paulo-Rio Grande do Sul, pela *Brazil Railway Company*, foi preponderante para o povoamento do meio oeste catarinense. Com o término da construção da ferrovia, a companhia construtora voltou sua atenção às várias concessões de terras recebidas ao longo da obra. Objetivando promover a colonização dessas terras, a companhia constituiu uma empresa subsidiária - *Brazil Development and Colonization Company*²².

Esta empresa foi responsável pelo loteamento das terras ao longo de estrada de ferro à medida que esta ia sendo construída. As terras foram loteadas sem levar em conta qualquer posse anterior, legalizada ou não. O governo concedia para a empresa o direito de desapropriar os terrenos de domínio particular e benfeitorias que fossem necessárias para o leito da estrada, estações, armazéns e qualquer outra dependência. A companhia respeitou as áreas ocupadas por fazendeiros com título de propriedade expedidos antes de 1889, ocupando as áreas que, embora documentadas, não tivessem habitadas por seus proprietários, como também as áreas sob domínio de posseiros. Como diversas propriedades foram respeitadas, faltaram terras para complementar a superfície total a que tinham direito, em novas negociações com o governo ocorreu, assim, a inclusão de terras mais a oeste²³.

²⁰ CONSÓRCIO ITÁ. **Itá: memória de uma usina**. Florianópolis : Expressão Sul, 2000, p. 33.

²¹ ELETROSUL. **Relatório de impacto ambiental**. Florianópolis : 1990, p. 15.

²² FERREIRA, 1992, p. 45.

²³ *Idem*, p. 34-38.

As terras do município de Concórdia foram concedidas à companhia pelo governo imperial, como compensação pelas áreas pertencentes à terceiros dentro desta faixa dos 15 km à margem da ferrovia. Esta empresa atribuiu a colonização a outras empresas do ramo, a de maior destaque na região foi a Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia. A ela coube a colonização das regiões de Sertãozinho e Rio Engano, sendo que da última originou-se a atual cidade de Concórdia.

Quando a *Brazil Development and Colonization Company*, vendeu as terras, a Companhia Mosele, como era chamada pelo povo da região, em 1925, decidiu formar a vila na região do rio dos Queimados, por ser mais próximo do acesso à cidade gaúcha de Marcelino Ramos e a vila catarinense de Volta Grande, o que facilitava o escoamento da produção, pois estas localidades eram ligadas pela estrada de ferro.

No projeto do núcleo inicial da cidade de Concórdia, a Praça Central era ponto de referência para todos os imigrantes. Na planta da sede de Concórdia, assinada pelo engenheiro Homero Araújo e datada de julho de 1927, a praça foi denominada de Santos Dumont, medindo 100 m x 100 m. Os terrenos nas ruas perimetrais da praça, nos primeiros anos, foram os mais habitados.

Nos anos 40, a praça passou a ser chamada de Praça da Bandeira e ao centro foi feito um pedestal, em concreto com um mastro de madeira, que servia para hasteamento da bandeira. Neste período as calçadas formavam desenhos geométricos, com vielas que convergindo ao centro, até alcançar um círculo e formar canteiros simétricos, configuração que permanece até os dias de hoje. Nos anos que sucederam não foram feitas modificações de vulto. Em 1968 a praça passou a chamar-se Praça Dogello Goss (prefeito que nomeado em 1937, comandou o município até dezembro de 1945) e recebeu: a fonte sonora e luminosa, o parque infantil, a concha acústica, e os sanitários públicos.

Quando efetuava a propaganda da venda de terra na região, a empresa colonizadora deixava claro que a assistência religiosa estava garantida. Segundo o Relatório do Governo Providencial, citado por Gomes “A escola e professor não são exigidos pelo colono, assim como exigem o padre e a igreja”²⁴. A religiosidade era um elo de ligação muito forte entre os imigrantes que começavam a chegar em Concórdia. Segundo o Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, em novembro de 1925 os colonos abriram a facção e machado um lugar na mata virgem com o objetivo de ali construir uma capela. O terreno doado pela empresa Mosele,

²⁴ GOMES, 2000, p. 12.

para a construção da capela situava-se em rua perimetral a praça, sendo a construção custeada pela comunidade sob a orientação dos “fábriquiteiros”. Os “fábriquiteiros” eram pessoas que auxiliavam o padre nas missas ou rezavam o culto na ausência do mesmo. A ampliação da capela transformou a pequena capelinha no coro (sacristia) da nova que também foi construída e coberta em madeira. A matriz com duas torres, com sinos e cobertura de telhas de barro, levou quatro anos para a sua conclusão (1939-1943). O vigário da época foi buscar a planta da Igreja de Nossa Senhora das Graças de Guaratinguetá, em estilo colonial e decidiu acrescentar-lhe uma torre a mais e aumentar um pouco as dimensões²⁵. Esta igreja permaneceu até 1970, quando foi demolida para dar lugar a atual, inaugurada em 1973. A primeira edição de *O Jornal* destaca a importância da nova Igreja.

Com o vertiginoso crescimento da capital do Trabalho, sua fisionomia se transforma a cada ano que passa. Obedecendo a uma filosofia urbanística que nossa era requer, Concórdia não se deixa ficar atrás, projetando sua nova imagem, à altura de seu progresso (...) Um novo templo, cujo arrojo arquitetônico, torna-o um ponto de referência às pessoas que por aqui passam.²⁶

Com o crescimento da região, implantou-se um hotel de madeira de propriedade de um alemão, que exercia a profissão de farmacêutico prático. Em 1935, o hotel foi desativado e transformado no primeiro hospital da Concórdia, com o nome de Hospital São Francisco e tendo como atendentes às irmãs da Congregação São José. Em 1947, foi construído o novo prédio de alvenaria no mesmo lugar do anterior, os custos foram arcados pela comunidade e os contribuintes tinham seus nomes em placas no alto das portas dos quartos²⁷. A partir de 1984, a administração do hospital passou a ser da Sociedade Beneficente São Camilo, o que vem até os dias de hoje. Poucas obras civis de melhoramento foram realizadas.

Ao final da década de 30, a Companhia Mosele sentiu os reflexos de uma crise local devido aos baixos lucros gerados pelo milho, trigo e suínos. Como alternativa juntamente com um grupo de comerciantes do Rio Grande do Sul, iniciou a construção de um moinho e um frigorífico de suínos na cidade. Uma comissão foi formada para decidir a melhor

²⁵ BÜCHELE, Maria da Graça Silva. **Retalhos históricos das Comunidades – I: grupos de idosos.** Concórdia : Equiplan, 1995, p. 279-280.

²⁶ **O Jornal**, 1974, p. 17.

²⁷ BÜCHELE, 1995, p. 187-217.

localização, sendo escolhido o local onde hoje se encontra a Empresa Sadia. No entanto, a paralisação das obras levou o prefeito a convidar o gaúcho Attílio Fontana para participar como acionista do empreendimento industrial. Após um ano, Attílio Fontana comprou o controle acionário, compondo uma sociedade anônima, dando-lhe o nome de S.A. Indústria e Comércio de Concórdia. Em 1944, surgiu o nome Sadia, sendo tomada as primeiras letras - SA e a última sílaba da palavra Concórdia - DIA.

A instalação da empresa Sadia coincide com o fato histórico da Segunda Grande Guerra, dificultando a importação de equipamentos. Inicialmente o frigorífico operou com equipamentos sucateados de um frigorífico do Rio Grande do Sul. No entanto, para o moinho foram adquiridos equipamentos na Suíça, neutra na guerra, o que permitiu o aumento da industrialização. Logo, com a instalação do frigorífico e o moinho operando com capacidade máxima ocorreu a estruturação dos setores econômicos, ligados à comercialização dos principais produtos agropecuários²⁸.

Na década de 40, Concórdia já se consolidava como uma promissora cidade. Achavam-se instalados na sede municipal: várias casas de comércio, dois hotéis, moinho para a moagem do trigo e milho, três curtumes, dois pequenos abatedouros, um hospital e outros estabelecimentos; tendo como consequência um acúmulo de capitais comerciais a nível local.

Porém, a intensificação do movimento colonizador deu-se, sobretudo na década de 60, provocando um grande fluxo migratório para o oeste catarinense. Um dos principais fatores foi à abertura do mercado de suínos, via agroindústria. Em Concórdia este processo esteve ligado diretamente à consolidação do complexo agro-industrial chamado Sadia. A partir de 1944, a evolução e a história do Município passam a ser intimamente relacionadas com o desenvolvimento da Sadia, podemos constatar através da paisagem rural que é fortemente marcada pela ação direta do capital desta empresa, através dos grandes aviários.

Desde a década de 1940, o município de Concórdia está entre os dez mais prósperos do estado, sendo fator relevante para esta colocação, a produção de suínos. Esta atividade é própria dos imigrantes alemães e italianos, vindos das colônias gaúchas, que a traziam enraizada nos seus costumes e que se adaptaram perfeitamente ao meio físico e ao regime minifundiário das colônias catarinenses.

²⁸ FERREIRA, 1992, p. 169-176.

Os primeiros marcos considerados no processo de construção da cidade de Concórdia foram: a Igreja Matriz, a Praça Central, o Hospital e a Indústria Sadia (ver Mapa). A formação desses marcos ocorreu no período que compreende da fundação da vila Concórdia até o final da década de 40, como concretizações das necessidades e anseios da população: a Praça Central, espaço designado para encontros e lazer; a Igreja Matriz local para descanso espiritual; o Hospital, espaço para amenizar os males físicos, e a Indústria Sadia, local para produzir riquezas e ofertar trabalho. A Igreja tinha a função de marcar a posse, demarcar o território e agregar a população, representando claramente a presença da autoridade religiosa.

Entretanto é entre as décadas de 60 e 70 que se desenvolve uma maior atividade industrial no município, representada pela empresa Sadia. Ocorre na realidade a formação de um proletariado urbano-industrial na cidade para atender às necessidades desta empresa²⁹. Concórdia, um dos principais centros prestadores de serviços do oeste, reflete este desenvolvimento na sua configuração espacial crescendo em ritmo acelerado. A área urbanizada praticamente duplicou no final da década de 70, melhorando: as redes de infra-estrutura, transporte e acessibilidade, o que acabou por atrair investimentos.

Nesse período constata-se a mudança de uma formação espacial radiocêntrica para a formação de setores a partir dos eixos viários. Estes eixos com a intenção de ligar o centro da cidade a localidades do interior do município, induzem uma urbanização no seu entorno imediato. Surgem alguns marcos referenciais reforçando a importância destas vias, como por exemplo, o Cemitério e o Curtume (rua 29 de Julho acesso para as localidades de Kennedy, Linha Santa Catarina e Linha Schiavini). Já o Santuário de Nossa Senhora da Salette foi construído em 1964, na rua Padres Franciscanos, por iniciativa de alguns moradores que resolveram se unir e construir uma capelinha com a imagem da santa para suas orações, pois a Igreja Matriz ficava muito longe e o acesso era muito precário. Quanto da construção da Rodoviária em 1975/1976, o quarto edifício com esta finalidade, foi necessário retirar esta atividade das proximidades da Praça Central, por causa dos conflitos no trânsito. Ainda neste período tem-se a construção da casa do Atílio Fontana, próxima a Indústria Sadia, em grande área pertencente a esta indústria. Em novembro passado esta

²⁹ AZEVEDO, Alba Regina Oliveira de. **O pequeno produtor rural de Concórdia-SC: suas relações com a empresa Sadia**. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 97.

edificação foi adquirida pela Fundação Attílio Fontana e transformada em Memorial Attílio Fontana, onde encontramos a história do fundador da Sadia e da própria indústria. O Super Sadia foi também construído próximo a Indústria, mas no sentido oposto à casa do Attílio Fontana, com a função de venda local dos produtos Sadia.

As décadas de 80 e 90 são marcadas por um decréscimo da população rural, contudo, a virada ocorre na década de 90, quando esta população perde a supremacia. Hoje a cidade de Concórdia conta com 71,74% da sua população residindo na área urbana da sede municipal. Os marcos deste período são Vila União e o Morro da Casan. Eles apresentam uma característica comum, pois alcançaram esta categoria de marco em função da tipologia de ocupação. A Vila União por morar pessoas pobres, e o Morro da Casan por concentrar algumas das mansões da cidade. Outro marco surge neste período, o CAIC, um marco nacional, pois fazia parte de um programa na área educacional do então presidente Fernando de Collor de Mello. Seu projeto arquitetônico é uma repetição de muitos implantados por todo o território nacional. Atualmente esta padronização da arquitetura pode ser observada com muita facilidade no espaço das cidades com Shoppings Centers, Faróis do Saber, Pizza Hut, Mac Donald, etc. Isto dificulta o entendimento da produção destes marcos, pois a maioria é produzido fora do espaço físico-social-cultural que será implantado.

Observa-se que à medida que a cidade vai se expandindo para a periferia, criando novos espaços, os antigos espaços vão sendo transformados e muitas vezes revitalizados pelo desaparecimento, surgimento ou remodelação de marcos referenciais.

6. Os marcos referenciais de Concórdia: duas interpretações

A análise originada na abordagem semiótica permite uma interpretação externa, ou seja, daquele que vê o ambiente como um observador, mas também admite uma interpretação interna, a do participante deste ambiente. A interpretação externa diz respeito ao observador, aqui representado pela autora deste trabalho, e a interna diz respeito à própria comunidade, aqui representada pelas pessoas entrevistadas.

6.1. A observação externa do ambiente

Pode-se caracterizar os marcos quanto a localização; forma; uso e função. Quanto à localização dos marcos estão relativamente dispersos na

malha urbana. Ocorre, entretanto, uma concentração no círculo central da cidade com a presença de quatro destes marcos: a Igreja Matriz, a Praça Dogello Goss, o Hospital São Francisco e o Terminal Rodoviário Municipal (ver Mapa), este último em área limite deste círculo central. Os próximos cinco marcos formam um semicírculo no sentido sul/oeste/norte, ao sul o Morro da Casan e o Cemitério Municipal, a oeste o Supermercado Sadia e a Indústria Sadia e a norte a casa de Attilio Francisco Xavier Fontana (ver Mapa). Na área periférica da malha urbana encontram-se quatro desses marcos: a sudoeste o Curtume Dalmolin, a oeste o Caic, ao norte a Vila União e a nordeste o Santuário Nossa Senhora Salete (ver Mapa). O rio dos Queimados tem uma particularidade quanto à localização, por ser um elemento linear, atravessa a cidade no sentido nordeste/noroeste (ver Mapa).

Os marcos referenciais, quanto a sua forma podem-se dividir em pontos, linha e áreas. Representam pontos na malha urbana a Igreja, o Hospital, a Rodoviária, o Supermercado Sadia, a Praça, o Curtume, a casa de Attilio Fontana, o Cemitério, o Caic, a Indústria Sadia e o Santuário, cada qual com suas particularidades de implantação, tanto em nível de ocupação como de interferência no seu entorno imediato. Como uma linha sinuosa tem-se o já citado rio dos Queimados. Como área aparecem dois marcos, a Vila União e o Morro Casan, a primeira é uma área de habitação popular com perímetro bem definido e uma segunda uma área habitacional de alto padrão que não apresenta uma delimitação rígida, pois se encontra em processo de formação.

O uso dos marcos referenciais pode ser mais ou menos privado, tendo desde o desempenho individual até o coletivo, e contam com diferentes números de usuários. Eles podem ser utilizados com maior ou menor grau de seletividade, atingindo indivíduos ou grupos de interesse específico. Desta forma, tornam-se nítidos dois tipos entre os quatorze marcos selecionados. O primeiro, onde aparecem os espaços com acesso público: o Rio, a Praça, a Igreja, o Hospital, O Santuário, a Rodoviária, o Cemitério, o Supermercado e o Caic. Este primeiro grupo pode permitir a convivência de pessoas que foram eventualmente separadas pela setorização social da cidade. O segundo agrupa aqueles com acesso privado: a Indústria, o Curtume, a Casa, a Vila União e o Morro Casan. Salienta-se que a Vila União e o Conjunto Habitacional do Morro Casan são marcos referenciais pela tipologia habitacional, por isso foram considerados de acesso privado.

Cada marco referencial apresenta uma função específica se a análise for feita com relação ao “senso comum”, mas na realidade cada um

apresenta várias funções, pois dependem das relações existentes entre estes elementos e seus observadores e/ou usuários. Sendo assim, procurou-se caracterizá-los como elementos estruturadores da imagem coletiva e salientar alguma particularidade de cada um.

O rio dos Queimados é o único elemento natural dentre os 14 marcos, apesar de ser retificado em quase 1/3 de sua extensão e estar parcialmente canalizado. Este rio atualmente apresenta tanto barreiras para seu acesso físico como visual, isto é, não se consegue chegar às suas margens e muitas vezes nem visualizá-las por serem de propriedade privada e também em função da não integração do rio na urbanização da cidade. Ele é ainda um marco com significado histórico-cultural, pois quando da implantação do núcleo inicial da cidade, a sua forma sinuosa e majestosa foi incorporada ao desenho da malha urbana. Com a instalação dos cartórios o rio foi considerado até mesmo como elemento divisor das jurisdições. O rio também foi por muitos anos responsável pelo abastecimento da água da cidade. Atualmente sua evocabilidade não se refere a nenhuma destas citações acima e sim pela imagem das enchentes e poluição, atribuindo ao seu significado simbólico uma estreita ligação com as calamidades públicas.

A praça Dogello Goss é considerada o ponto central tanto espacial como funcional. Espacial por ser elemento articulador de grande parte da malha urbana, pois dela parte as principais ruas. Funcional por ser palco de uma variedade de acontecimentos públicos como shows, comícios, gincanas e outros. Considerada um marco indicial, é cenário de diferentes relações sociais, através dos diferentes usos consolidados ao longo de sua existência.

A Igreja também é caracterizada como um marco indicial, através da função que desempenha, que acredita-se ser para a grande maioria dos usuários, o descanso espiritual. Importante relatar a relação do Concordeense com a forma da Igreja (Iconicidade) da década de 30, que foi demolida para dar lugar a atual. A imagem utilizada para representar a religiosidade do povo é a Igreja antiga, já demolida, o que a caracteriza como um marco mental.

O Santuário Nossa Senhora Salete, criado a princípio para dividir com a Igreja Matriz a atribuição de proporcionar aos católicos o descanso espiritual, atualmente, é utilizado como uma grande área de lazer de final de semana. Segundo frequentadores de ambos os locais, rezar na Igreja e no Santuário é muito diferente. Pode-se atribuir esta diferença as características de cada um destes locais, as quais provocam modificações no estado emocional dos usuários.

O Hospital, com a função de amenizar os males do corpo atende pacientes de toda a microrregião. Ao longo de seus 50 anos não sofreu transformações na forma física ou na função. A alteração ocorrida foi no seu entorno, quando da sua implantação, a excelente localização próxima ao centro e a fácil acessibilidade, eram fatores positivos na apropriação de seu espaço enquanto uso coletivo. Hoje em função de seu entorno ser totalmente urbanizado e de estar localizado na via que é responsável pela principal articulação do sistema viário da cidade (Rua Marechal Deodoro), faz surgir novos padrões físico-espaciais que não estão devidamente articulados com a finalidade básica do hospital.

O Terminal Rodoviário de Concórdia também pode ser considerado um signo indicial em virtude de sempre estar relacionado com os conflitos de trânsito que gera em suas áreas contíguas. Este equipamento público, ao longo do tempo, foi transferido de lugar quatro vezes, com a justificativa de amenizar os transtornos que causava nas vias de sua imediação. Além deste aspecto, o ruído e a desordem sempre marcaram a área circunvizinha da rodoviária, fatores que causam aos transeuntes certo desconforto.

O Supermercado Caitá, que até bem pouco tempo atrás era propriedade do grupo Sadia, formava com o centro esportivo Sadia um conjunto que ocupava um quarteirão inteiro e que representava o poder econômico do grupo. Este grupo mantinha a venda com preços subsidiados todos os produtos de origem na unidade da cidade. Apesar deste supermercado não pertencer mais ao grupo Sadia, e esta informação ser de domínio da coletividade, acredita-se que sua representatividade seja reflexo da permanência no tempo deste símbolo.

O Caic pertence a um projeto educacional de nível federal e tem sua espacialização, tanto com referência ao estilo arquitetônico como ao material utilizado, totalmente a margem dos padrões locais. Para o habitante de Concórdia ele representa, de certa forma, a articulação com a cúpula política nacional. Na ocasião de sua inauguração, a esposa do então presidente da república Fernando de Collor de Mello esteve presente, fato que foi muito divulgado em todos os meios de comunicação da cidade e região e que é lembrado até hoje.

A casa de Atílio Fontana, em função das transformações recentes que sofreu, tanto física como de significado, consolidou-se ainda mais como marco da cidade. A princípio era símbolo do poder, onde residia um homem público conhecido nacionalmente por ter sido vereador e prefeito da cidade, senador e vice-governador do estado, além de fundador da Sadia. Atualmente este marco é símbolo histórico-cultural, por

abrigar o acervo da Indústria Sadia vinculada à vida do Sr. Atílio Fontana e ainda parte da história da cidade e região.

A indústria Sadia é o único marco que projeta a cidade nacionalmente e até internacionalmente, através da exportação dos seus produtos, como também pelo envolvimento da família Fontana na política brasileira. Em nível local, a Sadia é responsável tanto por grande parcela da arrecadação municipal, como pela geração de empregos diretos e indiretos. Como elemento físico, entre os 14 marcos é de maior influência na estruturação espacial da cidade.

O Curtume, embora com a mesma função do marco anteriormente citado, ou seja, produção de bens, é considerado um marco pela relação de primeiridade que desenvolve com seu intérprete. Esta relação dá-se através do mau cheiro exalado quando é ativada a sua linha de produção, este fato que, por si só, é repelente e leva a pessoa a se sentir incomodada causando sensação de desconforto.

O Cemitério Municipal é o único da cidade e atende a todo o Município. Apresenta uma situação muito peculiar, por estar localizado frontalmente com uma escola pública. As crianças desta instituição de ensino utilizam a via interna do cemitério como se pertencente ao sistema viário da cidade.

A Vila União, uma área reurbanizada pelo poder público, com 127 famílias, apresenta algumas características peculiares. Acredita-se que a principal é a inexistência na grande maioria dos lotes de muros e cercas delimitando-os, fazendo que o espaço frontal da edificação seja simplesmente incorporado ao espaço público da via. Assim, a frente da casa é apropriada como espaço de estar da família e lugar de encontro com os amigos, permanecendo simultaneamente como local de passagem de estranhos. O ponto baixo desta Vila, que dá para a travessa das Azaléias, é o de maior convívio social cotidiano, ali estão localizados o Centro Comunitário e a Igreja. Esta estruturação da Vila União, cuja implantação é irregular, é muitas vezes confundida com desordem.

O Morro da Casan é conhecido com esta denominação por estar localizado neste sítio o maior reservatório da concessionária de abastecimento de água. Incluído como marco referencial, como já mencionado, pois a referencia a esta área é feita em função da formação de uma zona de habitações de alto padrão e com características de tipologia da forma construída e da não construída, totalmente diferentes da Vila União. As formas não construídas incluem todos os espaços externos às edificações que conformam o público (ruas) e o privado (jardins e quintais). Os espaços públicos com vias bem definidas e adequadamente pavimentadas são

dotados de toda a infra-estrutura básica, tornaram-se claramente delimitados dos espaços privados por altos muros.

6.2. A percepção dos marcos pela população

Essa segunda interpretação contém e está contida nas relações dos indivíduos, com suas marcas, símbolos e índices. Para além da interpretação externa apresentada acima, busca-se aqui atingir a interpretação interna através da quantificação da percepção dos indivíduos, procurando-se extrair a partir daí seu significado. Assim, torna-se necessária à medição objetiva de dados que possam representar esta percepção do indivíduo, tentando-se evitar o erro de influenciar o pesquisado. Logo, a pesquisa de campo deste trabalho buscou quantificar e qualificar a percepção da comunidade em relação aos principais marcos referenciais por meio de consulta direta.

Para a escolha inicial de um elenco de locais representativos da cidade foram definidos os meios a serem pesquisados, que se basearam na maximização da extensão temporal (alcance histórico), de cobertura (alcance populacional), de multiplicidade sócio-espacial e de multiplicidade de faixa etária da população. Foram assim selecionados 14 locais da cidade com potencial de serem avaliados como marcos referenciais.

Com a utilização do conceito derivado da Semiótica de que o significado surge como um produto de uma interação da dimensão espacial aliada ao uso, e que a visualização de imagens proporciona uma nova referência para este significado, foram produzidas imagens dos marcos anteriormente selecionados para posterior consulta popular, onde as pessoas foram estimuladas a opinar sobre a qualidade positiva ou negativa dos marcos. Este resgate parcial da dimensão visual foi a base de análise da significação dos marcos em termos de representatividade junto à população e conseqüentemente de sua influência na distribuição sócio-espacial intra-urbana.

Na pesquisa de campo foram realizadas 189 entrevistas. Cada pesquisado deveria apontar num quadro de 14 imagens de marcos da cidade, três positivos (ver Gráfico 1) e três negativos (ver Gráfico 2). Destacam-se nos gráficos, pelo percentual de citações, três locais considerados como marcos referenciais com qualificação positiva: a Praça (26,09%), o Santuário (20,26%) e a Igreja (19,71%). Do mesmo modo, as citações são significativas para três locais que passam a ser considerados como marcos referenciais com qualificação negativa: o Rio (26,38%), o Curtume (24,48%) e a Vila União (15,94%).

Como resultado adicional da pesquisa, de acordo com o questionário de caracterização dos entrevistados, foram identificadas correlações entre as escolhas e as características dos grupos. Estas correlações permitem avaliar diferenças e tendências de segmentos específicos da população. A classificação em ordem de preferência dos marcos, segundo as subclasses de escolaridade, renda, idade, habitação e sexo apresentadas, foram obtidas pela contagem das citações para cada marco positivo e negativo respectivamente (ver Tabelas 1 e 2).

Observa-se a predominância dos três principais marcos para todos as subclasses. A principal divergência desta tendência apresenta-se na inclusão do marco Casa de Atílio Fontana (Casa AF) em lugar da Igreja como Marco 3 nas subclasses de escolaridade e renda superiores. Duas hipóteses podem ser levantadas. A primeira é que os grupos a que se refere esta escolha representam uma forma de percepção diferenciada pela sua própria natureza. Tendo em vista que tais grupos são os de maior renda e maior escolaridade, esta hipótese se verificaria pela tentativa de se atribuir uma atenção maior destes grupos ao valor e materialidade que este marco poderia representar em relação aos valores religiosos representados pela Igreja. A segunda hipótese surgiu de uma pesquisa posterior específica para este marco. Como foi o único que apresentou a característica de ser incluído entre as três principais escolhas (embora somente em 2 das 17 subclasses), procurou-se levantar a história recente deste marco. Foi possível saber que esta casa passou recentemente por um processo de valorização dentro da cidade. Todo o imóvel sofreu uma reforma para tornar-se um memorial da Indústria Sadia e das realizações do Sr. Atílio Fontana. Este processo teve considerável divulgação na cidade e contou com a participação voluntária da população, tornando este marco um lugar público. Atualmente a casa desempenha sua nova função de centro cultural da cidade. Após a inauguração do memorial, iniciou-se novo processo de divulgação junto a colégios, associações e outras entidades. Assim estas duas hipóteses apontam na mesma direção, ou seja, de que este marco teve sua representatividade aumentada por ter sido centro da atenção de alguns segmentos da população, e que em sua atual situação como memorial da cidade, este marco ainda está em formação na percepção da população. É percebido num momento inicial pelas classes que mais se envolveram no processo de readaptação da casa para ser um memorial.

Também ocorre uma inversão do marco Praça para a Igreja como Marco 1 nas subclasses de menor renda e maior idade. Este resultado pode ser indicação de uma maior valorização do sentido espiritual e reli-

gioso dos componentes destas subclasses. Embora não se perceba uma tendência em termos de evolução de representatividade da Igreja das subclasses de menores para maiores rendas e escolaridade, ficou evidenciada a predominância da Igreja como marco principal nos extremos das escalas. O maior apego aos valores religiosos pode ser tomado como característica específica de grupos com menor grau de instrução e também de mais idade.

A alternância de classificação como Marco 2 verificada entre o Santuário e a Igreja, embora sem que se possa identificar uma tendência evolutiva por subclasse, denota de um modo genérico tanto a valorização dos aspectos espirituais e religiosos como do aspecto de serem estes, locais de reunião da comunidade.

Para os marcos com escolhas negativas (ver Tabela 2) tem-se a predominância dos três marcos mais citados para todas as subclasses. Nas subclasses de renda entre 1100 e 1900 reais, de menor idade (até 18 anos) e dos que possuem casa própria, ocorre a inversão do marco Rio para o Curtume como Marco 1, resultado que indica que estas subclasses talvez tenham maior sensibilidade ao aspecto odor e sua percepção mais afetada por esta característica negativa do Curtume.

Estes resultados mostram que se identifica alguma diferenciação de percepção quando se analisam dados provenientes de diferentes grupos. Em relação às subclasses avaliadas tais como as de escolaridade, renda, idade, habitação e sexo, as distribuições dos resultados (e consequentemente das escolhas) apresentam variações, embora não alterem o resultado global dos três marcos mais citados. Os dados mostram que existem variações quanto ao número de elementos em cada grupo específico.

Outras especulações poderiam ser feitas em função dos diferentes percentuais obtidos por cada marco específico em cada sub-grupo analisado. Tal exercício, além de não ser o escopo da pesquisa, não influenciaria o resultado de definição e classificação dos marcos. Pode-se inferir que as variáveis que definem a percepção do espaço, representada pelo resultado da pesquisa, podem estar ligadas a uma condição particular, seja de condição de vida ou de instrução.

Outra característica interessante neste mesmo sentido diz respeito à Indústria Sadia, considerada aos olhos externos ao município como o mais relevante e até o único marco de Concórdia com projeção nacional. No entanto, isto não se revela aos olhos da população. Este local foi classificado em décimo lugar entre os locais mais citados com 52 citações, além de que apresentou equilíbrio de qualificação positiva (31 citações) e

negativa (21 citações), denotando certa indiferença de qualificação de percepção.

7. Considerações Finais

Com o objetivo de se buscar uma nova alternativa de apreensão do espaço e de interpretação dos comportamentos coletivos, aplicou-se à conceituação teórica da abordagem semiótica como base para a utilização de uma linguagem visual. De modo a permitir a obtenção de informações que compusessem a percepção dos indivíduos da comunidade, a proposta de se trabalhar nesta pesquisa com imagens específicas, teve a intenção de identificar junto ao usuário o significado dos elementos que formam o seu ambiente.

Procurou-se uma metodologia que permitisse a revelação, pelo próprio usuário, de quais seriam os principais elementos deste ambiente, identificando-os como marcos referenciais da cidade. A quantificação e qualificação destes elementos, contextualizados por um cenário diversificado sócio-espacialmente, permitiu obter uma representação da variação de sua influência.

Os resultados da pesquisa apontados neste artigo mostram basicamente a qualificação dos marcos referenciais obtida junto à população. Porém, estes resultados permitem evidenciar ainda a influência dos marcos referenciais na distribuição sócio-espacial da cidade, ou seja, existe uma correlação direta entre os marcos e a caracterização de suas áreas adjacentes. Um marco percebido como de influência positiva caracteriza uma região de maior valor em escala sócio-econômica, e ao contrário, um marco referencial com influência negativa se insere em áreas com menor valor.

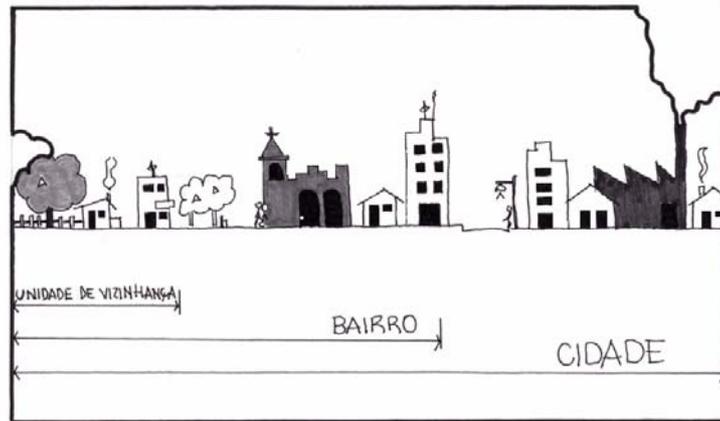
Fica caracterizada a distribuição sócio-espacial pela influência dos marcos. Este processo de obtenção das influências dos marcos tem a característica de ser evolutivo, e no caso analisado, tendo em vista que o município de Concórdia é relativamente novo e o processo de ocupação e migração interna ainda está em pleno desenvolvimento, a dinâmica que relaciona os marcos com a distribuição ainda não se encontra totalmente consolidada.

Estas influências, no momento, devem ser tomadas como tendências, portanto, parciais e segmentadas. Um marco atual poderá, em pouco tempo, ter sua influência anulada pela condição futura, ou ainda, expandida à medida que a cidade se transforma.

Apesar deste estudo comprovar a influência dos marcos na estruturação sócio-espacial da cidade de Concórdia, outros estudos deverão complementá-lo através de verificação histórica da influência dos marcos referencias. Isto excluí uma análise evolutiva, comparando momentos distintos. É essa particularidade da análise dinâmica que caracteriza a essência do planejamento urbano. A comprovação definitiva da influência dos marcos poderá ser efetivada com estudos comparativos que tenham como ponto de partida os resultados aqui apresentados. A própria variação de quantificação (quais marcos) e qualificação (positivo/negativo) ao longo do tempo, aliada à mobilidade sócio-espacial, poderá ser importante fator de análise para a formulação de políticas públicas. Da mesma forma, um enfoque de variação de escala, diferente da metodologia apresentada, deveria ser aplicado em nível de setores da cidade, caracterizando os marcos em relação a grupos menores, por exemplo, de bairros e/ou ruas.

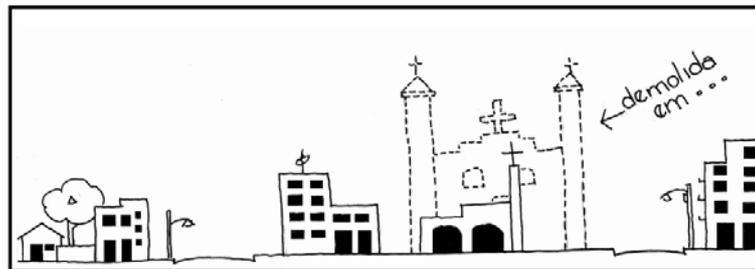
Pela avaliação dos marcos e de sua influência na distribuição sócio-espacial se obtém uma nova visão dos problemas que afligem o universo pesquisado, sendo esta uma efetiva contribuição na composição das prioridades a serem tratadas pelas administrações municipais.

Figura1 - Escalas dos Marcos Referenciais



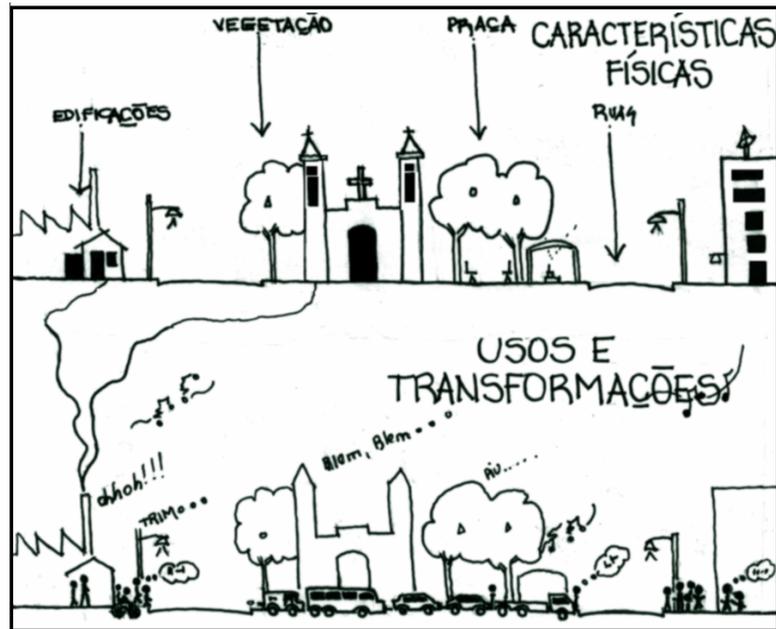
Org. SILVA, Jussara Maria.

Figura 2 - Marco Mental



Org. SILVA, Jussara Maria.

Figura 3 - Unidades Básicas da Semiótica do Ambiente Urbano.



Org. SILVA, Jussara Maria.

Mapa Localização dos Marcos Referenciais

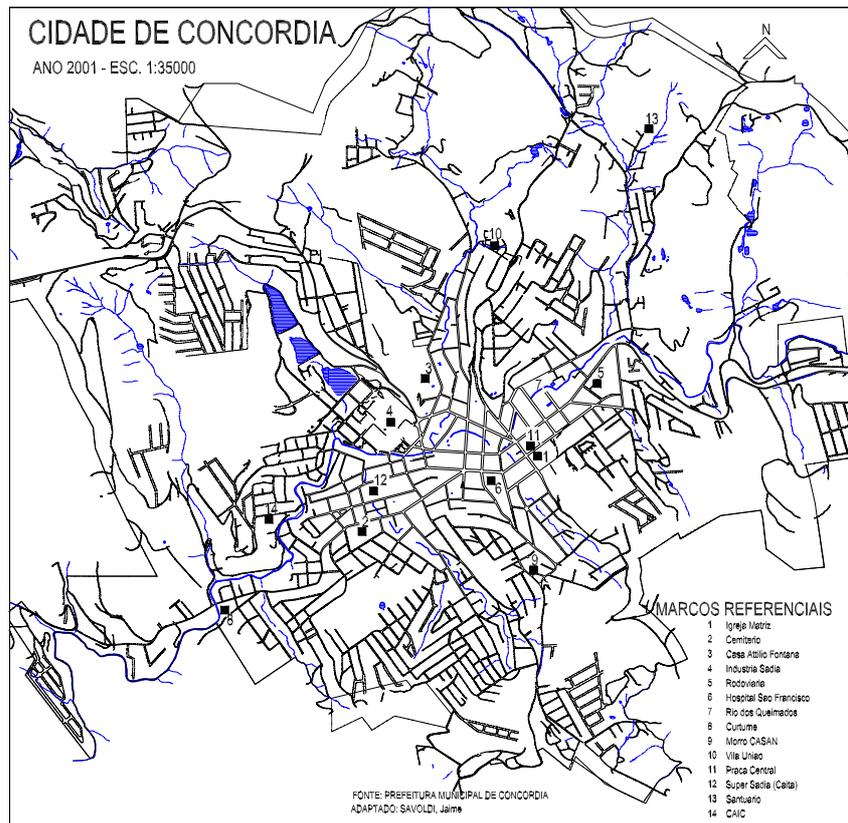


Gráfico 1
Total de Citações por Marco Referencial Positivo

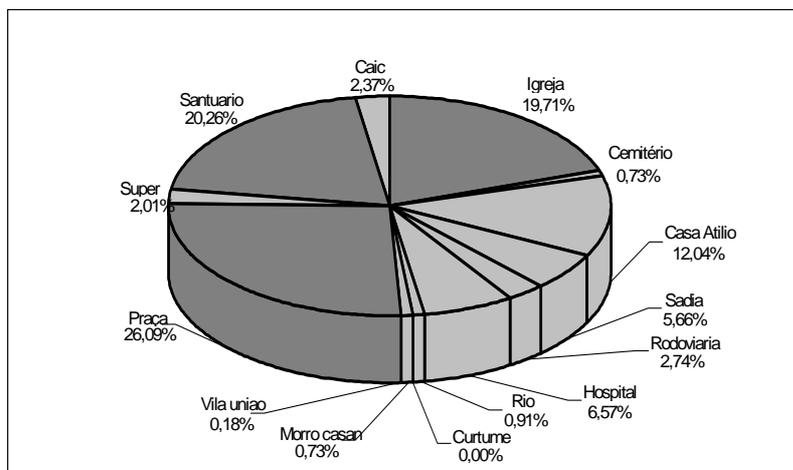


GRÁFICO 2
Total de Citações por Marco Referencial Negativo

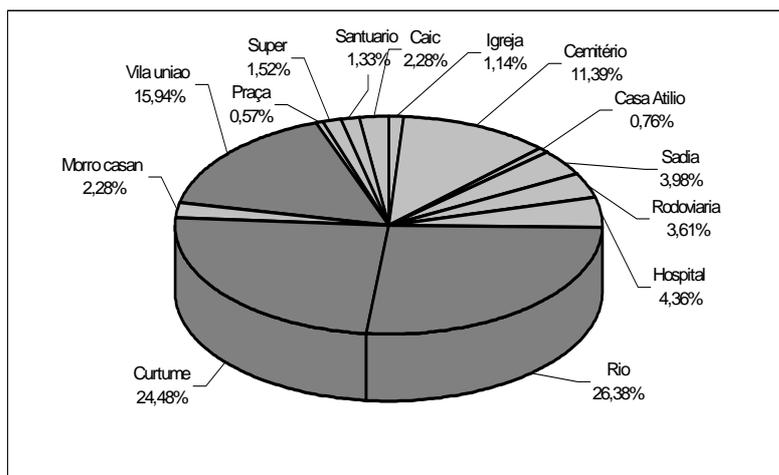


Tabela 1
Preferência dos Marcos Positivos, Segundo as Subclasses.

Classe	Item	Subclasse	Marco 1	Marco 2	Marco 3
Escolaridade	1	Prim. Grau	Praça	Igreja	Santuário
	2	Seg. Grau	Praça	Santuário	Igreja
	3	Terc. Grau	Praça	Santuário	Casa AF
Renda (Reais)	4	Até 400	Igreja	Praça	Santuário
	5	400-700	Praça	Santuário	Igreja
	6	700-1100	Praça	Igreja	Santuário
	7	1100-1900	Praça	Santuário	Igreja
	8	Acima de 1900	Praça	Santuário	Casa AF
Idade (anos)	9	Até 18 anos	Praça	Igreja	Santuário
	10	19-26 anos	Praça	Santuário	Igreja
	11	27-36 anos	Praça	Santuário	Igreja
	12	37-46 anos	Praça	Santuário	Igreja
	13	Acima 46 anos	Igreja	Praça	Santuário
Habitação	14	Própria	Praça	Santuário	Igreja
	15	Alugada	Praça	Santuário	Igreja
Sexo	16	Feminino	Praça	Santuário	Igreja
	17	Masculino	Praça	Igreja	Santuário

Tabela 2
Preferência dos Marcos Negativos, Segundo as Subclasses.

Classe	Item	Subclasse	Marco 1	Marco 2	Marco 3
Escolaridade	1	Prim. Grau	Rio	Curtume	Vila União
	2	Seg. Grau	Rio	Curtume	Vila União
	3	Terc. Grau	Rio	Curtume	Vila União
Renda (Reais)	4	Até 400	Rio	Curtume	Vila União
	5	400-700	Rio	Curtume	Vila União
	6	700-1100	Rio	Curtume	Vila União
	7	1100-1900	Curtume	Rio	Vila União
	8	Acima de 1900	Rio	Curtume	Vila União
Idade (anos)	9	Até 18 anos	Curtume	Rio	Vila União
	10	19-26 anos	Rio	Curtume	Vila União
	11	27-36 anos	Rio	Curtume	Vila União
	12	37-46 anos	Rio	Curtume	Vila União
	13	Acima 46 anos	Rio	Curtume	Vila União
Habitação	14	Própria	Curtume	Rio	Vila União
	15	Alugada	Rio	Curtume	Vila União
Sexo	16	Feminino	Rio	Curtume	Vila União
	17	Masculino	Rio	Curtume	Vila União

Org. SOUZA, Nélío.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- AZEVEDO, Alba Regina Oliveira de. **O pequeno produtor rural de Concórdia-SC: suas relações com a empresa Sadia.** São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BÜCHELE, Maria da Graça Silva. **Retalhos históricos das Comunidades – I: grupos de idosos.** Concórdia : Equiplan, 1995.
- CONSÓRCIO ITÁ, **Itá: memória de uma usina.** Florianópolis : Expressão Sul, 2000
- EPSTEIN, Isaac. **O signo.** 6.ed. São Paulo : Ática, 1999.
- ELETROSUL. **Relatório de impacto ambiental.** Florianópolis, 1990.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Ver a cidade.** São Paulo : Nobel, 1988.
- FERREIRA, Antenor Geraldo Zanetti. **Concórdia: o rastro de sua história.** Concórdia: Fundação Municipal de Concórdia, 1992.
- GOMES, Marli Sueli. **Novo dicionário escolar.** 11. ed. Belo Horizonte : Acervo Cultural, 2000.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo : Martins Fontes, 1997.
- NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX.** São Paulo : Annablume, 1996.
- OBA, Leonardo Tossiaki. **Os marcos urbanos e a construção da cidade: a identidade de Curitiba.** São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em estruturas ambientais urbanas), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3.ed. São Paulo : Perspectiva, 1999.
- RELPH, Edward. "As Bases Fenomenológicas da Geografia". In **Geografia** 7 (4), Rio claro, 1979.
- SEBRAE/SC e PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ. **Diagnóstico do potencial turístico de Ita.** Ita, 1998.
- SILVA, Elvan. **Arquitetura & semiologia: notas sobre a interpretação lingüística do fenômeno arquitetônico.** Porto Alegre : Sulina, 1985.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia.** Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

RESUMO

Os Marcos Referenciais na Estruturação Espacial da Cidade de Concórdia (SC)

Este artigo apresenta uma forma de caracterização das influências dos marcos referenciais na estruturação espacial de uma cidade. Fundamenta-se em uma avaliação de percepção da população utilizada como base em estudo empírico efetuado na cidade catarinense de Concórdia. Partindo-se de uma análise subjetiva, apoiada em conceitos derivados da Semiótica, obtém-se como resultado a quantificação e qualificação dos marcos. Faz-se uma leitura da cidade como paisagem de marcos: primeiramente com relação aos aspectos físicos, com destaque para o rio dos Queimados que atravessa a cidade e para a topografia onde está inserida a área urbana. E posteriormente num resgate histórico, procura-se identificar a formação desses marcos referenciais, dentro de um contexto. Na pesquisa empírica procurou-se obter da população a percepção desses marcos e qualificá-los quanto aos seus aspectos positivos e negativos.

Palavras-chave: marcos referenciais, percepção, semiótica, Concórdia, Santa Catarina.

ABSTRACT

The Referables Landmarks in the Spatial Estruturation of the City of Concórdia, (SC)

This article presents a form of characterization of the referables landmark's influence in the spatial structuring process of a city. It is based on an evaluation of the population's perception, used as a basis for an empirical study in the conducted in the city of Concordia, Santa Catarina State. Starting from a subjective analysis, supported by Semiotics concepts, it was possible to achieve a quantification and qualification of the landmarks. The city is read as a landscape of landmark: first related to the physical aspects, highlighting the Queimados River, that runs through the city, and the topography where the urban area is inserted. Later, in a historical rescue, is was tried to identify the formation of these landmarks within a context. In the empirical research it was tried to get the population's perception of these landmarks and quality them according to its positive and negative aspects.

Key words: landmark, perception, semiotics, Concórdia, Santa Catarina.